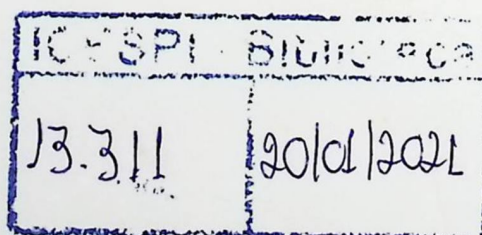


INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Licenciatura em Filosofia

Lucas de Oliveira

**A CONCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA A PARTIR DA OBRA ASSIM FALAVA
ZARATUSTRA**

cod. 5947
C 100
Oliv. 48c



Teresina
2018

LUCAS DE OLIVEIRA

A CONCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA A PARTIR DA OBRA *ASSIM FALAVA*
ZARATUSTRA

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí-ICESPI, como trabalho de conclusão de curso TCC, para à obtenção do grau de Licenciado de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Possidônio
Ferreira Barbosa Júnior

Teresina
2018

Lucas de Oliveira

**A CONCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA A PARTIR DA OBRA *ASSIM FALAVA*
ZARATUSTRA**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
Licenciatura em Filosofia

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

Prof. Dr. Pe. Possidônio Ferreira Barbosa Júnior
Orientador

Professor(a) Examinador

Professor(a) Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus Pai por tudo realizado, mais pela vida
Cesarina Maria da Conceição e João Emídio de Oliveira, minha mãe Silvana
Maria de Oliveira e ao meu tio sacerdote Frei Francisco da Cruz Oliveira,
que sempre acreditou em mim. Aos meus irmãos biológicos Vinícius, Thales
e Thiago e todos meus tios de Oliveira. Quero agradecer também a Ordem dos
Frades Menores Capuchinhos do Ceará e Piauí (PROCEPI) que sempre me
apoiou desde o início que entrei na ordem; agradeço de forma bem especial aos
meus confrades de comunidade Fico, Francisco Adalberto, Irmão Medeiros
e Marcos Almeida, pois juntos conseguimos chegar até aqui. Quero agradecer aos
meus outros confrades de fraternidade, aos meus professores e amigos. E a
toda aquela que desde os primeiros momentos para na minha vida por esse
longo período formativo, seja no lar onde eu cresci na São Gonçalo, E.N.S., seja
na minha vida particular. Agradeço a Deus por tudo que já realizou e ainda está
fazendo. Paz e Bem!

Aos meus pais-avós (Cesarina Maria da
Conceição e João Emídio de Oliveira),
minha mãe Silvana Maria de Oliveira e ao
meu tio Frei Francisco da Cruz Oliveira, que
sempre acreditou em mim. Quero agradecer
também a Ordem dos Frades Menores
Capuchinhos do Ceará e Piauí (PROCEPI).
E a todos que acreditaram na minha
competência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus Pai todo poderoso, meus pais-avós (Cesarina Maria da Conceição e João Emídio de Oliveira), minha mãe Silvânia Maria de Oliveira e ao meu tio querido e amado Frei Francisco da Cruz Oliveira, que sempre acreditou em mim. Aos meus irmãos biológicos Vinícius, Thamires e Thiago e toda minha família Oliveira. Quero agradecer também a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos do Ceará e Piauí (PROCEPI) que sempre me apoiou desde o início que entrei na ordem; agradeço de forma bem especial aos meus confrades de caminhada Freis, Francisco Adalberto, Ismael Maciel e Marcos Alves, pois juntos conseguimos chegar até aqui. Quero agradecer aos meus outros confrades de fraternidade, aos meus professores, e amigos. E a todos aqueles que direto ou indiretamente tomaram parte na minha vida por vias deste período formativo, seja na faculdade, igreja de São Benedito, E.N.S, seja na minha vida particular. Agradeço a Deus por Frutíferas bênçãos vividas até agora. Paz e bem!

RESUMO

Um dos grandes desafios da história da filosofia ocidental, desde a Grécia Antiga, tem sido a busca da verdade como "verdade da potência". Com uma abordagem filosófica a partir da obra Assim Falou Zarathustra, Nietzsche apresenta a "verdade da potência" em três manifestações: Cosmos, Vida e Criação. Nietzsche apresenta o homem que enfrenta suas vitórias e derrotas como caminho para vencer a si próprio enquanto indivíduo da existência. Para melhor compreender essa "verdade da potência" vale-se de conceitos de vontade em Schopenhauer, pois é neste conceito que Nietzsche desenvolve o seu entendimento de "verdade da potência". Para Schopenhauer a vontade não é a causa de tudo, mas a vontade do mundo, a vontade da potência em Nietzsche é a vontade das coisas, como a vontade da vida e da criação em Nietzsche. Nietzsche apresenta a "verdade da potência" dentro da teoria do conhecimento, da natureza e do homem. A partir desses temas o "super-homem" vai ser aquele que vive tudo isso com uma força tal que o impulsiona para um futuro e para condições que ainda não existem e ele não sabe o que é e nunca sobre o mesmo enquanto viver, agir. O homem quando a "verdade da potência" atinge o "super-homem".

Felipe de Jesus, Nietzsche, Zarathustra, Verdade da potência, Cosmos, Vida, Criação, Poder.

"Só se pode alcançar um grande êxito quando nos mantemos fiéis a nós mesmos".

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Um dos grandes desafios do homem no mundo contemporâneo é viver livre, sem nenhum tipo de escravidão como "vontade de potência". Com uma concepção antropológica a partir da *Obra Assim Falava Zaratustra*, Nietzsche apresenta a "vontade de potência" nas três metamorfoses: Camelo, Leão e Criança. Nietzsche apresenta o homem que enfrenta suas virtudes e fraquezas como caminho para vencer a si próprio enquanto princípio de superação. Para melhor compreender essa "vontade de potência" vale-se do conceito de vontade em Schopenhauer, pois é deste conceito que Nietzsche desenvolveu o seu entendimento de "vontade de potência". Para Schopenhauer a vontade seria a porta de acesso à verdade do mundo. Já a vontade de potência em Nietzsche é a essência das coisas, como também uma força criadora que permite ao homem superar a si próprio. Neste trabalho, busco demonstrar como Nietzsche aborda a "vontade de potência" dentro da teoria do conhecimento, da natureza e na moral. A partir dessas ideias o "super-homem" vai ser aquele que vive tudo isso com uma força tal que o impulsiona para um futuro e para situações que estarão sempre sob ele e nunca sobre o mesmo enquanto vítima, refém. O homem vivendo a "vontade de potência" atinge o "super-homem".

Palavras-chaves: Nietzsche. Zaratustra. Vontade de potência. Camelo, Leão, criança, homem.

ABSTRACT

One of the great challenges of man in the contemporary world is to live free, without any kind of slavery as "will to power." With an anthropological conception from the Work Thus Spoke Zarathustra, Nietzsche presents the "will to power" in the three metamorphoses: Camel, Lion and Child. Nietzsche presents the man who faces his virtues and weaknesses as a way to overcome himself as a principle of overcoming. In order to better understand this "will to power" it is worth the concept of will in Schopenhauer, for it is from this concept that Nietzsche developed his understanding of the will to power. For Schopenhauer the will would be the gateway to the truth of the world. The will for power in Nietzsche is the essence of things, but also a creative force that allows man to overcome himself. In this work, I try to demonstrate how Nietzsche approaches the "will to power" within the theory of knowledge, nature and morals. From these ideas the "superman" will be the one who lives all this with a force that propels him to a future and situations that will always be under him and never about the same as a victim, hostage. Man living the "will to power" reaches the "superman."

Keywords: Nietzsche. Zarathustra. Power will. Camel, lion, child, man.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	9
2 VONTADE DE POTÊNCIA E SUPER-HOMEM	11
2.1 A vontade de potência como conhecimento	13
2.2 A vontade de potência na natureza	18
2.3 A vontade de potência como moral.....	20
2.4 O super-homem	21
3 AS TRÊS METAMORFOSES	27
3.2 O espírito do camelo	27
3.2 O espírito do leão	30
3.3 A metamorfose da criança	32
4 A VONTADE DE POTÊNCIA NO HOMEM CONTEMPORÂNEO	35
CONCLUSÃO	40

1 INTRODUÇÃO

A partir da obra *Assim Falava Zaratustra* (1883-1885), Nietzsche (2017), procura romper com o niilismo relativo, que vê na modernidade e na "morte de deus" o fim do sentido da vida. Indo totalmente contra essas formas de pensar, ele propõe a destruição dos valores que lhe são contemporâneos, mas como condição para que se atinja o homem superior. Nietzsche apresenta o homem que enfrenta suas virtudes e fraquezas como caminho para vencer a si próprio, isto é, o princípio de superação do próprio homem. Por isso é necessário perceber que ele foi capaz de desenvolver em seu pensamento elementos dos quais podem, de forma dinâmica, transformar a pessoa humana por meios das três metamorfoses: camelo, leão e criança. A primeira abordagem da metáfora é comparada com aquele homem que é subordinado às leis, e que é incapaz de um pensamento próprio; no segundo momento ele fala do leão como homem superior que quer conquistar sua própria liberdade, e que dita suas leis; por último, ele apresenta a criança que vive a vida em todas as suas manifestações, boas ou trágicas. Nietzsche apresenta o homem que enfrenta suas virtudes e fraquezas como caminho para vencer a si mesmo, e assim chegando ao estado de potência para se alcançar o super-homem.

Esta investigação filosófica irá apresentar o surgimento dessa "vontade de potência" para se alcançar o "super-homem", partindo das três metamorfoses do espírito encontrada no capítulo X da obra *Assim Falava Zaratustra*. Segundo Nietzsche (2017), Zaratustra apresenta o "super-homem" que é capaz de superar suas virtudes. Zaratustra afirma que o homem precisa vencer a si mesmo, romper todas as barreiras pessoais, para assim obter a plena capacidade de se conquistar, pois seu verdadeiro "encargo" é ser livre, ou seja, atingir a "vontade de potência" sendo o "super-homem".

O "super-homem" já está em sua "vontade de potência", mas para se alcançar essa "vontade de potência" vale a pena entender o conceito de vontade em Schopenhauer, pois é deste conceito que Nietzsche desenvolveu a sua "vontade de potência". Para Schopenhauer a vontade seria a porta de acesso à verdade do mundo. E essa vontade é livre e autônoma, pois já contém vida em

si mesma. Já em Nietzsche, a "vontade de potência" é a essência das coisas, como também uma força criadora que permite ao homem superar a si próprio.

Depois de apresentar a origem da "vontade de potência", busco demonstrar como Nietzsche elaborou o conceito de "vontade de potência" (o termo "vontade de potência" surgiu na obra *Assim Falava Zaratustra*) dentro da teoria do conhecimento, da natureza e na moral, sendo que o livro *Vontade de Potência* ele não terminou, mas apenas começou a desenvolver suas ideias acerca da "vontade de potência", e que depois sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, termina de escrever.

É a partir do conhecimento que o ser humano passa a se desenvolver como também determina a sua visão de mundo e de ser humano. Por isso, o homem também tem que partir da "vontade de potência" como conhecimento, pois o conhecimento é o cerne do ser humano. O conhecimento a ele pertence. Isto é, é com o próprio conhecimento que o ser humano constrói e planeja a sua vida, a sua existência no mundo.

Para Nietzsche (2011), a "vontade de potência" também é uma vontade de natureza, logo, a vontade de natureza é uma força que se relaciona com a outra, seja para controlar ou obedecer. A força é cega, destruidora e restauradora, todavia ela é também regeneradora da vida a partir de si e para si. A vida é impulso criador, é energia, é princípio da unidade dinâmica das funções orgânicas fundamentais, a vida é a própria afirmação de si.

Nietzsche, apresenta a "vontade de potência" na moral (2017), e faz uma crítica à moral tradicional justamente pela depreciação da vida, a subordinação da vida a um valor transcendente ao invés de um valor no plano imanente. Sendo que, a importância dos valores morais deixou de ser vista sobre a questão da transcendência para uma visão dos valores morais no mundo, na terra, associados a "vontade de potência".

A partir de tudo isso, busco esclarecer como é possível o homem contemporâneo atingir a sua "vontade de potência", partindo das três metamorfoses, a saber: Camelo, Leão e Criança. A partir dessas ideias o "super-homem" vai ser aquele que vive tudo isso com uma força tal que o impulsiona para um futuro e situações que estarão sempre sob ele e nunca sobre o mesmo enquanto vítima ou refém.

2 VONTADE DE POTÊNCIA E SUPER-HOMEM

A partir da indagação de como é apresentado o estado de potência do homem antes de Nietzsche e qual pensador pode ser mencionado como referência, Nietzsche adentra no pensamento de Schopenhauer sobre a vontade, pois para Schopenhauer a vontade se encontra acima do intelecto consciente; a vontade é o primário e originário; o conhecimento é meramente adicionada como instrumento pertencente ao fenômeno da vontade. Schopenhauer ainda afirma que cada homem é o que é mediante sua vontade (Schopenhauer, 2005).

Para se falar de “vontade de potência” em Nietzsche, é necessário entender o conceito de vontade em Schopenhauer, pois é lá que ele parte. Artur Schopenhauer (1788 a 1860) escreveu sua principal obra *O Mundo Como Vontade e Representação*, dividindo em duas expressões: o mundo como vontade e o mundo como representação, tomando por base os conceitos de Kant e ideia de Platão. Schopenhauer modifica o fenômeno de Kant e o chama de representação e a coisa em si denomina vontade. Enquanto Kant acreditava que se poderia conhecer apenas o que se aparecia, o fenômeno, para Schopenhauer a coisa em si é possível de um certo conhecimento. Por outro lado, a ideia herdada de Platão é apresentada como objetividade da vontade. Ele afirma que “a ideia é a vontade assim que esta se tornou objeto, contudo, ainda não entrou no espaço no tempo e na causalidade. Espaço e tempo não concernem à ideia, tampouco a vontade” (SCHOPENHAUER, 2005, p.34).

Para Schopenhauer a vontade é o substrato do mundo e apresenta o conceito de vontade:

À luz de toda a nossa visão, contudo, a vontade é não apenas livre mas até mesmo todo-poderosa. Dela provém não só seu agir, mas também seu mundo: ambos são seu autoconhecimento e nada mais. Ela determina a si e justamente por aí determina seu agir e seu mundo; estes dois são ela mesma, pois exterior à vontade não há nada (SCHOPENHAUER, 2005, p. 354-355).

Schopenhauer afirma que a vontade é livre e autônoma, pois já contém vida em si mesma. Já a "vontade de potência" em Nietzsche é a essência das coisas, mas não possui nada de metafísico em seu conceito, pois após a leitura em Schopenhauer, Nietzsche escreve que a vontade além de sua função cega e negativa da vida, ela também é uma força criadora que permite ao homem fazer de si uma verdadeira obra de arte, e isso Nietzsche chama de vontade de potência.

Passando pela vontade em Schopenhauer, Nietzsche vai ampliar o conceito schopenhaueriano, opondo-lhe a "potência" pois, vontade é o controle que ultrapassa a si mesmo. Nietzsche afirma que a vontade de encontrar a verdade é o nome da força que move e impele o homem. (Cf. NIETZSCHE, 2014, p.147). A força que move a vontade é o próprio querer, é aceitar a força interior que leva à liberdade, ou seja, à "vontade potência". Na obra *Assim Falava Zaratustra*, Nietzsche afirma:

A vontade de tornar concebível tudo o que é, pois duvidais, e com justo título, que seja concebível a priori. Mas é preciso que tudo se submeta e se curve a vossa vontade. É o que exige o vosso querer; que tudo se subordine e se submeta ao espírito, que tudo se subordine e se submeta ao espírito, que tudo se reduza a ser dele o espelho e o reflexo. (NIETZSCHE, 2014, p.147).

Para Nietzsche tudo deve se submeter e se curvar diante da própria vontade, pois o querer se libertar e agir de acordo com a vontade cabe a entrega a única verdade, que é a vida. Para ele, a vontade é um comando que ultrapassa a si mesmo; a vontade é um assenhoreamento sobre algo. A vontade é sempre criadora e destruidora. Ao comentar Nietzsche, Marton (1990, p.33) afirma que "a vontade é livre, não porque pode escolher, mas porque implica um sentimento de superioridade". Sempre que a vontade esteja voltada para além de si, a vontade, ao mesmo tempo está criando e aniquilando-se.

Portanto, conforme Marton (1990, p.39), na "vontade de potência" em Nietzsche "não existe nenhum objetivo a atingir, nenhuma meta a alcançar; a

"vontade de potência" é desprovida de qualquer caráter teleológico, assim como a luta que se desencadeia pelo fato de ela exercer-se".

A vontade é verdadeira potência de ser e querer, diferente do camelo infiel e escravo dos valores humanos, e do leão que buscou sua vontade de ser, mas infelizmente não alcançou sua "vontade de potência" porque oprimiu ao ditar as leis. Por outro lado, a criança fiel à "vontade de potência" viveu a própria vida, ou seja, sua liberdade de querer e conquistar seus ideais. A vontade vai ao lado da potência, seja ela enquanto conhecimento, moral ou na natureza.

2.1 A vontade de potência como conhecimento

Nietzsche parte da frase de Descartes (1987, p.46) "pença-se, logo existe algo que pensa", afirma que, quando se pensa algo é indispensável existir algo "que pensa" Ele considera a frase de Descartes que simplesmente a articulação de um hábito que liga a ação com o autor. Prefere afirmar que o processo pelo qual conhecemos algo é oculto. Estar consciente de alguma coisa sobre alguma coisa é uma imaginação, e tudo o que deriva disso também é. Nietzsche ainda, manifesta-se aqui um postulado logico-metafísico e não se alcança uma certeza absoluta, mas unicamente o fato de uma crença forte. Desse modo, diante da frase de Descartes, afirma:

Se a proposição for reduzida assim: "pença-se, logo existem pensamentos", resulta somente de uma simples tautologia, e o que está justamente em dúvida, a "realidade do pensamento" não é atingido – desta maneira, reconhece-se forçadamente a "aparência" do pensamento. Mas Descartes queria que o pensamento não somente fosse uma realidade aparente, mas um em si". (NIETZSCHE, 2011, p.339).

Nietzsche, apresenta a fenomenalidade do mundo interior de uma forma em que o que se torna sensível na consciência foi antes de tudo preparado, simplificado, esquematizado, interpretado, o verdadeiro processo da "percepção interior", sendo esse encadeamento das causas entre os pensamentos, os sentimentos, os desejos, entre o sujeito e o objeto, inteiramente oculto, e talvez nos sejam simplesmente casos de imaginação. Esse aparente mundo interior é

tratado da mesma forma e com os mesmos processos que o mundo "exterior". Jamais topamos com os "fatos": o próprio prazer e desprazer são meramente fenômenos tardios e derivados o próprio intelecto. Ainda afirma que:

A causalidade escapa-nos; é consequência da mais grosseira e mais espessa observação, o admitir entre as ideias, um laço imediato e causal, como o faz da lógica. Entre os dois pensamentos estão todas as espécies de paixões que se chocam: mas os movimentos são tão rápidos que chegamos a desconhecer-los, a negá-los... (NIETZSCHE, 2011, p.340).

Os movimentos dos pensamentos são tão velozes que chegamos a desconhecer-los e a negá-los rapidamente; a lógica foi criada pelo pensamento, pois a lógica é uma estrutura meramente gramatical e nada além. O pensamento vem quando ele quer e não quando eu quero, o pensamento é totalmente independente do sujeito (eu), isto é, de modo que é falseamento da realidade afirmar que o próprio sujeito é a condição do predicado "penso". O pensar é absolutamente não existe na forma como estabelecem os teóricos do conhecimento; é uma ficção absolutamente arbitrária, realizada separando um só elemento do processo geral, pondo à margem todos os outros; um arranjo artificial para facilitar a compreensão. O espírito é algo que pensa afirma Nietzsche criticando:

O "espírito", algo que pensa: em caso de necessidade também o espírito absoluto – "este conceito deriva da falsa auto observação que crê no processo que consiste em "pensar", aqui se inicia a conceber um ato que não se produziu absolutamente "pensar" é imaginar-se em segundo lugar um *substratum*, sujeito imaginário, onde cada ato desse pensamento tem sua origem e nada mais, o que significa que tanto a ação como a que age são simulados. (NIETZSCHE, 2011, p.340).

A "vontade de potência" é uma causa de tal forma que, segundo a experiência pessoal, supomos uma causa em tudo o que acontece, isto é, a intenção como causa do que acontece. Afirma que:

Cremos que o pensamento e pensamento, tais como sucedem em nós, encontra-se ligados por um encadeamento de causalidade qualquer: o lógico em particular, o que fala de casos que efetivamente nunca se passaram, habituou-se ao preconceito de crer que os pensamentos ocasionam pensamentos. (NIETZSCHE, 2011, p.340-341).

Nietzsche ainda afirma que tudo que se torna consciente é um fenômeno final, uma conclusão que nada origina; sendo que toda sucessão na consciência é absolutamente atomística. Sendo que a ideia de "substância" é absolutamente inutilizável quando se quer explica-la. A consciência representa um segundo papel, indiferente quase, supérflua, destinada talvez a desaparecer e ser substituída por um automatismo completo. A consciência nunca nos oferece exemplos de causa e efeito.

Sendo que, todo progresso reside no progresso para tornar-se consciente, visto que todo recuo reside na inconsciência, pois tornar-se inconsciente foi considerado como uma queda, um abandono aos desejos dos sentidos.

Nietzsche afirma em *Vontade de potência*, ¹no livro terceiro que "aproximamo-nos da realidade do 'ser verdadeiro' pela dialética; dela nos afastamos pelos instintos, pelos sentidos, pelo mecanismo..." (NIETZSCHE, 2011, p.343). Nietzsche ainda apresenta que:

Impulsionar o homem a fundir-se no espírito seria fazer dele um deus; espírito, vontade, bondade - unidade; a busca pelo bem, deve ter sua origem na espiritualidade, deve ser um fato da consciência; o progresso para melhor é somente o progresso para tornar-se consciente. (NIETZSCHE, 2011, p.343).

¹ Durante a sua última década produtiva, a de 1880, Friedrich Nietzsche acumulou uma enorme quantidade de anotações que serviriam de base para um livro abrangente, mas que só vieram à luz postumamente. O agravamento de seu estado de saúde impediu que o projeto chegasse ao fim. Elizabeth Förster-Nietzsche, sua irmã, e Peter Gast, seu dileto amigo, organizaram esse acervo e o publicaram em duas edições. A versão mais completa – tal como aparece na décima terceira edição da Kröner. (Cf. <https://www.travessa.com.br/a-vontade-de-poder/artigo/>)

A busca pelo bem deve ter sua real origem na espiritualidade, levando-o a verdadeira consciência do melhor progresso da própria consciência.

Para Nietzsche, o conhecimento é o cerne do ser humano. O conhecimento pertence ao ser humano. A partir do conhecimento o ser humano passa a se desenvolver como também determina a sua visão de mundo e de ser humano. É com o próprio conhecimento que o ser humano constrói e planeja a sua vida, a sua existência nesse mundo. Com o conhecimento o ser humano passa a dominar o mundo, passa a querer controlar as forças da natureza.

Para Nietzsche o conhecimento não é racional e nem empírico; o conhecimento é uma relação entre objeto e fatos reais. Diante da relação entre objetos e fatos reais, o ser humano constrói estruturas mentais, sendo por sua vez, as verdades para o sujeito. O ser humano com a sua alta capacidade de criar imagens mentais atribui a elas uma realidade que muitas vezes são transcendentais. Dessa forma esse mundo transcendente é colocado como ideal e perfeito. Já o mundo sensível é colocado como aparente devido as suas mutações, isto é, devido ao processo do devir. Nietzsche ainda apresenta que o mundo aparente é o mundo real, pois todas as hipóteses metafísicas são criação humana. Nietzsche afirma:

O conhecimento trabalha como instrumento da potência. É; portanto, evidente cresça a cada aumento de potência... O sentido do conhecimento: nesta parte, como para a ideia do "bem", do "bela", a concepção deve ser avaliada severa e estritamente sob o aspecto antropocêntrico e biológico. Para que determina espécie possa conservar-se e crescer em potência, impõe-se que sua concepção da realidade abranja tamanha quantidade de coisas calculáveis e constantes que esteja em condições de edificar sobre tal concepção, um esquema de sua conduta. A utilidade da conservação - e não qualquer necessidade abstrata e teórica de não ser enganado - coloca-se como motivo posterior à evolução dos órgãos do conhecimento..., tais órgãos se desenvolvem de maneira que basta sua observação para conservar-nos. Em outras palavras; a medida da vontade de conhecer depende da medida do crescimento na vontade de potência da espécie; uma espécie

apossa-se de uma quantidade de realidade para se tornar senhora dessa realidade, para pô-la ao seu serviço. (NIETZSCHE, 2011, p.347).

Para Nietzsche o conhecimento não busca a verdade, isto é, busca o desenvolvimento da vida através do crescimento da vontade de potência. Sendo que, com o próprio domínio do conhecimento o homem coloca a natureza ao seu controle, assim, aumentando sua potencialidade diante do seu controle. Para alcançar seus objetivos, se cria e transforma os órgãos e outros instrumentos.

Por conseguinte, o conhecimento deve servir para que o ser humano se conserve, cresça em sua potência, e que a põem em prática para assim compreender a realidade a partir dele.

O camelo vivendo a moral dos fracos não foi capaz de pensar e viver o conhecimento que é o cerne do ser humano, que pertence ao ser humano, isto é, o conhecimento faz o homem ter uma visão de mundo e de si próprio sem se aprisionar ou ser escravo do mundo ou do próprio homem; o camelo não foi capaz de observar e seguir sua "vontade de potência", pois colocou o ser subordinado acima de sua vontade. O camelo não conseguiu mergulhar no seu âmago que se encontrava a "vontade de potência" para assim atingir o "super-homem".

Assim também a metamorfose do leão que ditava as leis e buscava a dominar as leis da natureza, oprimindo, maltratando e fazendo o outro como seu escravo, ou seja, o outro devia total obediência. Todo o cansaço do leão se transforma em ira e raiva. Mas o leão não conseguiu atingir o verdadeiro conhecimento para assim adentrar em sua "vontade de potência". Dessa forma, o conhecimento é entendido como um instrumento de dominação e não de "vontade de potência".

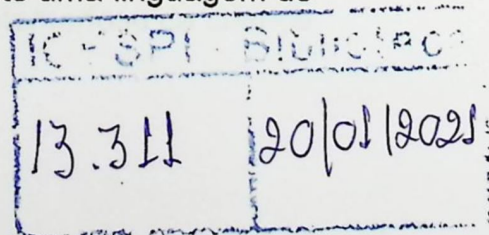
A metamorfose da criança consegue viver o verdadeiro conhecimento de "vontade de potência", pois a mesma olha para si e consegue ser totalmente livre; consegue ser conhecimento tanto para si como para o mundo. O mundo não consegue corrompê-la, assim como corrompeu o camelo e o leão. A criança atinge o "super-homem".

2.2 A vontade de potência na natureza

Nietzsche apresenta a ideia de "causa" afirmando que é um sentimento de potência no que chamamos de vontade. Para Nietzsche a ideia de "efeito" é um preconceito em acreditar que o sentimento de potência é a própria potência que põe em movimento. Portanto, o poder é diferente da potência, pois o poder é impedir alguém de se realizar pelo ato de afirmação, é afastar alguém do que pode. É despotencializar, é coagir, é desviar a potência do que ela pode. O poder quer dominar, se utilizar e se apropriar do outro. Logo, transferimos nossa potência ao outro, damos a ele autoridade porque acreditamos que ele pode resolver nossos problemas. Desta forma, um poder não gera potência naqueles que governa, se gerasse potência, não seria um poder e não se colocaria acima do outro. O poder é uma ilusão, uma impotência. A potência não demanda reconhecimento, ela dá crédito a si mesmo. Sendo assim, um estado que acompanha um acontecimento e que já é um efeito desse acontecimento é projetado como "razão suficiente", afirma:

Deste: a relação de tensão de nosso sentimento de potência (o prazer como sentimento de potência), da resistência suplantada – é tudo isso ilusão? Recoloquemos a ideia de "causa" na única esfera que nos seja conhecida e de onde a tomamos e não poderemos imaginar nenhuma mutação em que não haja vontade de potência. Não saberemos deduzir qualquer transformação se não houver a penetração de uma potência em outra potência. (NIETZSCHE, 2011, p.378).

Nietzsche afirma que a mecânica só nos mostra consequências e ainda não nos mostra imagens, sendo que o movimento é uma linguagem figurada. A própria gravitação não tem causa mecânica por que é apenas "razão" das consequências mecânicas. A vontade de acumular forças é específica para o fenômeno da vida, nutrição, procriação, hereditariedade; para a sociedade, Estado, costumes e autoridade. É necessário admitir uma aspiração à potência sem sensação de prazer ou desprazer, isto é, sem sentimento de aumento ou de diminuição de potência? O próprio mecanismo é somente uma linguagem de



sinais para um conjunto de fenômenos internos, de “*quanta*” de “vontade de potência” que luta e vence.

A vida, é a forma do ser que nos é mais conhecida, é especificamente vontade de acumular força, sendo que todos os processos da vida têm aí a sua alavanca; nenhuma coisa quer conservar-se, pois tudo deve ser adicionado e acumulado. A vida aspira a um sentido máximo de potência. Nietzsche afirma:

A vida, enquanto caso particular (a hipótese que, partindo dela, atinge o caráter geral da existência), aspira a um sentimento máximo de potência; é essencialmente a aspiração a um excedente de potências; aspirar não é outra coisa senão aspirar à potência; essa vontade permanece sendo o mais íntimo e o mais profundo: a mecânica é uma simples semiótica das consequências. (NIETZSCHE, 2011, p.379-380).

Para Nietzsche a “vontade de potência” é essa força que faz com que as coisas se agreguem e desagreguem, contudo, essa força não é divina, mas sim uma força universal, isto é, uma força da natureza. Toda força deseja a dominação da outra, logo a vontade da natureza é uma força que se relaciona com a outra, seja para controlar ou obedecer. A força é cega, destruidora e restauradora, todavia ela é também regeneradora da vida a partir de si e para si. A vida é impulso criador, é energia, é princípio da unidade dinâmica das funções orgânicas fundamentais, a vida é a própria afirmação de si.

Por conseguinte, é necessário apresentar o camelo que não desfrutou da vida, pois se deixou levar pela moral dos fracos, o camelo não viveu a vida como deveria ser vivida, isto é, não permitiu que o impulso criador que parte da vida lhe apontasse a liberdade que é a energia do princípio da vontade da natureza; o camelo não foi capaz de aspirar o sentido máximo da potência da vida. O leão, que ditava e que era o precursor da moral dos fortes também não foi capaz de se deixar ser consumido pela “vontade de potência” da natureza. Quando o leão estava vivendo sua metamorfose não se abriu para a “vontade de potência” que a vida lhe propusera, que era a vontade livre sem a opressão do outro ou de si mesmo. O leão não foi capaz de dizer um sim à “vontade de potência” da natureza, logo não conseguiu atingir o super homem. A metamorfose da criança

sim, foi capaz de viver a força prima da natureza, a criança partiu da vontade de potência da natureza tanto em si como para todo o mundo, mostrando que viver a "vontade de potência" é não deixar-se ser dominado ou querer dominar o outro, mas viver livremente essa vontade que leva a verdadeira liberdade de potência. A criança atingiu a fase maior que é o "super-homem", a criança vive sua "vontade de potência".

2.3 A vontade de potência como moral

Nietzsche apresenta a sociedade e o Estado que somente os indivíduos sentem-se responsáveis. As coletividades foram criadas para realizar aquilo que o indivíduo não tinha coragem de fazer. Portanto, todas as comunidades, sociedades, são cem vezes mais sinceras e mais instrutivas quanto à natureza humana que o indivíduo, fraco demais para ter a coragem de seus desejos, isto é, Nietzsche critica as instituições que sempre oprime.

O estudo da sociedade é tão precioso porque o homem é muito mais ingênuo como sociedade do que como "indivíduo". A "sociedade" jamais considerou de outro modo a virtude senão como meio de atingir a força, a potência, a ordem. (NIETZSCHE, 2011, p.407).

Nietzsche afirma no livro *Genealogia da Moral*, que as investigações genealógicas têm como objetivo a questão de onde se originam verdadeiramente nosso bem e nosso mal. Nietzsche não aceita a imposição dos símbolos como algo verdadeiro, como já estabelecido, como fundamento absoluto. Porque isso para ele exclui a possibilidade de construção do ser, do conhecer e do agir do homem. Ele afirma que nunca houve um questionamento quanto ao valor dos valores morais. Porque isso era passado como real, como algo além de qualquer dúvida, como meramente verdadeiro. Reforça Nietzsche:

[...] sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor 'bom' e 'mau'? e que valor têm eles? Obstruíram ou promoveram até agora o crescimento do homem? São indícios de miséria, empobrecimento, degeneração da vida? Ou, ao

contrário, revela-se neles a plenitude, a força, a vontade da vida, sua coragem, sua certeza, seu futuro? (NIETZSCHE, 2007, p.9)

Nietzsche faz essa crítica à moral tradicional justamente pela depreciação da vida, a subordinação da vida a um valor transcendente ao invés de um valor no plano imanente. A importância dos valores morais deixou de ser vista sobre a questão da transcendência para uma visão dos valores morais no mundo, na terra, associados à vontade de potência.

Dentro da "vontade de potência" como moral, o camelo não foi capaz de viver verdadeiramente o bem, pois seguiu o 'mau', foi subordinado a moral dos fracos; a metamorfose do camelo não quis se entregar a sua própria "vontade de potência"; o camelo viveu apenas a moral dos fracos. A metamorfose do leão procurou viver de fato a moral dos fortes, ou seja, a moral imposta pela própria sociedade, ele mesmo era quem criava a moral da sociedade e fazia com que todos os seres humanos a vivessem. O leão afirmava 'Tu Deves', ou obedecia ou era torturado pela doutrina da moralidade do próprio leão, isso fez com que o leão vivesse apenas o juízo de valor do mau. O leão não foi capaz de viver sua "vontade de potência" usando o bem, isto é, se esvaziando de qualquer influência da moralidade da sociedade. A metamorfose da criança sim foi capaz de viver o juízo de valor bom e assim atingir sua vontade de potência se afirmando no próprio super homem. O rosto do verdadeiro homem é viver a vida como "vontade de potência": o homem que deve ser superado.

2.4 O super-homem

Zaratustra anuncia o advento do "super-homem"; e um dos conceitos mais marcantes que constituem a filosofia trágica de Nietzsche é a própria figura do super-homem. Zaratustra dirige-se à multidão com essas palavras:

Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizeste para supera-lo? [...] Até agora todos os seres criaram alguma coisa que os ultrapassou; quereis ser o refluxo dessa grande maré e retornar ao animal, em vez de superar o homem? [...] que é o símbolo para o homem? Uma Irrisão

ou uma vergonha. Percorrestes o caminho que vai do verme ao homem, tendes ainda em vós muito do verme. Outrora fortes símios e até hoje o homem é ainda mais símios que todos os símios. [...] Eis, eu vos ensino o super-homem. O super-homem é o sentido da terra. Assim fale a vossa vontade: possa o super-homem tornar-se o sentido da terra. (NIETZSCHE, 2014, p. 14-15).

Nietzsche apresenta o homem que é capaz de superar a si mesmo diante de toda a sociedade, sem ser como o camelo que foi um escravo da moral dos fracos, pois era subordinado as leis. O "super-homem" é o sentido da terra; o leão que tanto ditou as leis não foi capaz de ser totalmente livre, por que para ser livre, tem que ser totalmente desprovido de um sistema opressor, pois bem, o leão ditava as leis e fazia com que os outros as cumprissem, o mesmo era da moral dos fortes. Passando pela transformação é possível chegar a "vontade de potência", isto é, ao "super-homem".

Nietzsche ao apresentar essa expressão o "sentido da terra", fala que pode ser compreendida como o conjunto de valores que afirma o poder da imanência; a relação imediata entre o ser humano e as forças da natureza, para além da depreciação que o homem domesticado pelos valores morais de cunho transcendente concebeu à sua própria existência.

Para Nietzsche, quem cria o bem pode criar o mal,

Na verdade, os homens deram a si mesmos sua regra do bem e do mal. A verdade, não a tomaram emprestado nem a encontraram; ela não lhes veio como uma voz do céu. Valores pôs o homem nas coisas a fim de conservar-se; ele foi o que pôs valores nas coisas e um sentido, um sentido humano. Por isso chama-se 'homem', o que avalia. (NIETZSCHE, 2014, p. 77).

O homem tem seu reconhecimento pela sua capacidade de medir e avaliar tudo aquilo que lhe advém, segundo seus próprios princípios. Para Nietzsche o processo avaliativo é muito mais do que apenas a capacidade de avaliar as coisas. O processo avaliativo constitui a integridade do homem, pois, para ele, ser homem significa exercitar-se continuamente no processo de

avaliação. Imediatamente, todas as manifestações humanas, querer, imaginar, sentir, pensar implicam o processo avaliativo, a saber, medir e valorar as coisas para si.

Nietzsche ainda apresenta seu pensamento diante do "filosofar com o martelo", isto é, a vida se vive vivendo a vida aqui na terra. Viver é o sentido da terra; afirma:

E este ser lealíssimo, o Eu, fala do corpo, e quer o corpo, mesmo quando sonha e divaga e revolteia com as asas partidas. Esse Eu me ensinou a expressar com mais lealdade crescente; e quanto mais aprende, mais encontra palavras para expressar louvores ao corpo e à terra. Um novo orgulho me ensinou meu Eu, e eu ensino aos homens; não mais afundar a cabeça na areia das coisas celestes, mas erguê-la desassombradamente, essa cabeça terrestre, que dá sentido à terra. (NIETZSCHE, 2014, p. 14-15).

Filosofar com o "martelo" é antes de tudo, reconhecer a vida e andar de cabeça erguida; é valorizar a vida aqui na terra. Para Nietzsche, filosofar com o "Martelo", é que o "Martelo" quebra a rigidez com que os ídolos buscam se conformar de uma vez por todas. Ao quebrar esta rigidez, ele não aniquila simplesmente o que antes estava já constituído, mas devolve a ele sua vitalidade e sua graça. Viver o sentido da terra é dizer e seguir o caminho do homem aqui na terra, sem mesmo nenhuma afirmação celeste, ou seja, alma, ditando ou até mesmo anunciando o que se deve fazer. É dizer com firmeza "Eu Quero" o meu próprio destino aqui na terra, eu quero viver a minha "vontade de potência".

O homem vivendo na terra, deve desejar viver o sentido completo, que é o sentido humano. O homem vivendo o sentido da terra é capaz de renovar os valores de todas as coisas. Pois os valores foram criados pelo próprio homem, então só ele podem renovar ou destruí-los. O homem para criar valores tem que ter virtudes e valores.

Para Nietzsche, a grande emancipação é a criação. Por isso que apresenta a metamorfose da criança para dizer, que temos que ser como crianças e começar a criar novos valores. Pois bem, ao criar nós sofremos e

transformamos. Para Nietzsche somos responsáveis para criar a vida, pois a vida não está pronta, acabada, única, plena e imutável. O homem é o ser capaz de poder sobre si mesmo. O homem governa e dirige sua própria vida. O homem possui controle de seu próprio destino. O homem é responsável pelo seu agir, porque é racional, é um ser político e criador da civilização. Portanto, o ser criador é ser a vontade criadora, isto é, o "EU" ser e querer o seu próprio destino. Sendo que, todas as dores, os sentimentos estão aprisionados no homem, e é a na vontade que irá libertar do próprio sofrimento. Para Nietzsche a verdadeira doutrina da vontade e da liberdade é querer libertar.

Nietzsche afirma sobre a superação:

Os mais preocupados perguntaram hoje: como fazer para conservar o homem? Mas Zaratustra pergunta – e é o primeiro e único a fazê-lo: - 'como fazer para que o homem seja superado? O super homem é o que trago no coração, é o meu primeiro e único, e não o homem: não o próximo, não o mais pobre, não o mais aflito, não o melhor. Meus irmãos, o que eu posso amar no homem é ser ele uma transição de um declínio. E em vós também há muitas coisas que me fazem amar e esperar. (NIETZSCHE, 2014, p. 360).

O homem sempre está buscando a superação de suas próprias virtudes, vive sempre também para conhecer, para que um dia a terra viva o "super-homem". Este deve amar a "vontade de potência", porque ela é a virtude que deseja a existência, que deseja o "eterno retorno". Para pensar a doutrina do "eterno retorno" de Nietzsche, Moura, (2005, p.264) afirma que "a doutrina só se sustenta sob o horizonte da morte de Deus, ela só recebe seu direito de cidadania em um universo inteiramente desdivinizado, sendo uma consequência da consideração de um mundo para o qual deus morreu". Portanto, Nietzsche apresenta a doutrina do "eterno retorno" como a mais pesada e extrema forma do niilismo, isto é, o nada, sem sentido eterno. Para Nietzsche, "eterno retorno" é uma forma de representação do tempo, uma representação cíclica do tempo. É um eterno retorno do mesmo, pois são os cíclicos da existência que retornam. O vir-a-ser não é a produção do novo, mas o retorno do mesmo. A vontade de potência é sua existência e seu destino. O "super-homem" é criado a partir da

vida humana, do homem. O "super-homem" brota das cinzas, dos delírios do mundo do próprio homem.

O "super-homem" em Nietzsche é a certeza da superação, é a verdadeira criança inocente; Zaratustra afirma "o homem deve superar suas próprias virtudes, eis que eu vos ensino o "super-homem" (NIETZSCHE, 2014, p.14). O "super-homem" é exemplo do mais alto sim da vida, tanto pelo que diz respeito ao seu espírito, como pelo que é relativo ao seu corpo.

Homens superiores, homens que criais! Não trazemos em nós senão o próprio filho. Não vos deixeis induzir em! quem é, pois, o vosso próximo? E também fazeis as coisas 'pelo próximo'! não criais, contudo, nada por ele. Esquecei esse 'por', vós criais: a vossa virtude quer justamente que nada façais 'por', nem 'devido a', nem 'porque'. Precisais fechar os ouvidos a essas palavras falsas. (NIETZSCHE, 2014, p. 360).

O "super-homem" é livre, sereno, forte de corpo e alma, é a representação suprema daquele que diz sim à vida, é o verdadeiro Dionísio. O "super-homem" é equilibrado, pois é também a suprema representação do Apolo. O "super-homem" sempre aceita a vida de braços abertos, o "super-homem" há de afirmá-la com os olhos abertos. Zaratustra afirma:

Todas as coisas boas alcançaram o seu fim por caminhos tortuosos. Como os gatos arqueiam o lombo, e rosnam interiormente, sentindo que se aproxima a sua felicidade. Todas as coisas boas riem. (...) vede andar a mim! Aquele que se aproxima do seu fim, dança. (...) elevai: elevai cada vez mais os vossos corações, meus irmãos! E não vos esqueçais das pernas também. Erguei também as pernas, bons bailarinos, e mais ainda, dançai sobre a vossa cabeça. (NIETZSCHE, 2014, p. 368).

O "super-homem" sempre busca as coisas boas em seu estado de potência, pois ao viver as virtudes torna-se virtuoso e assim como homem virtuoso se aproxima da felicidade. O "super-homem" é a expressão da "vontade

de potência". A "vontade de potência" determina as novas valorações do "super-homem". O homem deve suprimir todos os valores da moral corrente, que é uma moral de rebanho e tende ao nivelamento e à igualdade, ou seja, todos devem ser transmutados.

O "super-homem" define-se por uma maneira de sentir e pensar. Um sujeito com "vontade de potência" para querer e desejar sempre o que é do sentido da terra. Portanto, o "super-homem" se define por uma maneira de avaliar. O "super-homem" é um sujeito livre e capaz de pensar e avaliar as coisas a partir de si, como também a partir de suas superações e das suas metamorfoses.

3 AS TRÊS METAMORFOSES

Friedrich Nietzsche na sua obra *"Assim falava Zaratustra"* (1883-1885), procura abordar as ideias filosóficas do ensinamento do "super homem", ou seja, um novo tipo de homem muito distante do homem moderno. Na obra, Nietzsche afirma a necessidade de olhar em direção ao futuro, isto é, o homem deve superar suas próprias virtudes, o homem deve amar suas virtudes porque é por elas que ele perecerá. Zaratustra afirma:

Eu vos ensino o super homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizeste para superá-lo? Até agora todos os seres criaram alguma coisa que os ultrapassou; queres ser o refluxo dessa grande maré e retornar ao animal, em vez de superar o homem? Eis que vos ensino o super homem. O super homem é o sentido da terra. O além homem torna-se o sentido da terra (NIETZSCHE, 2014, p. 14-15).

Zaratustra mostra às três metamorfoses do espírito, que o homem sofre após o anúncio da "morte de deus", isto é, as vitórias do homem sobre si mesmo, sendo assim narradas por Nietzsche como o espírito vive a auto superação. Mas para se chegar ao "super-homem" Nietzsche apresenta as metamorfoses: de como o espírito se muda em camelo, em leão e em criança.

3.2 O espírito do camelo

Nietzsche faz uma analogia entre os tipos de metamorfoses do espírito que atravessam o homem e as criaturas que, com suas características específicas, nos geram imagens dessas personalidades. Zaratustra, ao apresentar as metamorfoses, se preocupa com a passagem que as transformações se desenvolvem ao longo da caminhada rumo à "vontade de potência", ou seja, o tornar-se livre de qualquer escravidão, como também de qualquer ato que oprime o próximo. O espírito quando se torna besta de carga e se prostra diante do peso a ser colocado em suas costas não tem mais consciência de liberdade, porque seu maior foco é o ser escravo.

Como enfatiza Zaratustra:

Muitas coisas parecem pesadas ao espírito, ao espírito robusto e paciente, imbuído de respeito. Pesadas e das mais pesadas é o que reclama aos gritos a sua força. Que é pesado? Pergunta o espírito tornando besta de carga, e ajoelha-se como camelo que quer estar bem carregado (NIETZSCHE, 2014, p. 31).

A comparação com o camelo está justamente na figura do último homem, incapaz de um pensamento próprio, pelo qual se reduz à obediência rotineira e à "moral do rebanho"; a "moral do rebanho" é um conceito da filosofia de Nietzsche que afirma a existência de um comportamento humano puramente submisso e irrefletido sobre os valores dominantes da civilização. O camelo é um animal que está sempre subordinado a obediência, o camelo carrega de tal forma os pesos que vai além do seu próprio peso, é por isso que Nietzsche faz a comparação do homem que é subordinado a leis, a moral e até mesmo os costumes, este homem nunca chegará a superação de si mesmo, por isso será sempre um eterno escravo.

Nietzsche ainda afirma: "o espírito tornado besta de carga atira sobre si todos estes pesados fardos; e igual ao camelo, que se apressa para alcançar o deserto, também ele se apressa para alcançar o seu deserto". O camelo torna-se serviçal na sua casa e no seu próprio deserto, passando a ser ele próprio, apenas um instrumento subordinado à obediência e às leis, para a continuidade da negação da própria vida.

O camelo torna-se serviçal em seu próprio deserto, passando a ser ele próprio apenas um instrumento para a continuidade de negação da própria vida. Esse camelo nos apresenta um tipo de homem meramente sólido, isto é, o homem que carrega todo o peso do mundo em suas costas. Nietzsche faz a comparação do homem com o camelo, por que o homem que não busca seus ideais com suas próprias vontades será um eterno escravo do outro, isto é, carregará fardos e fardos. Mas afinal, o que seria esse fardo carregado pelo camelo apontado por Nietzsche? São os valores e o condicionamento pela busca da verdade.

Quando Nietzsche faz essa comparação homem-camelo refere-se ao homem que se limita às suas mesmices, àquele que nunca irá passar pela "vontade de potência", mas será eternamente um escravo das leis que estão a sua volta, como também escravo de si mesmo. A "vontade de potência" para Nietzsche é a superação de si mesmo, isto é, uma vontade que quer superar, e que quer crescer, que quer dominar, e que quer vencer na vida; a vida é aqui na terra. A vida é luta, é conflito.

Nietzsche percebe que a figura do camelo não pode ser comparada ao "super-homem", pois o camelo é um animal que é preso as leis e morais. A figura do camelo se cansa daquele modelo de escravidão e subordinação e se revolta contra essa situação e começa a querer uma liberdade, que o levará a tornar-se-á senhor de si mesmo, ser o senhor de seu deserto; o camelo não queria mais sofrer com o peso dos fardos, ou não querer carregar esse fardo tão pesadíssimo, que ele não estava mais conseguindo caminhar de tão desgastado que estava. O espírito do camelo busca se transformar em leão.

E diante da própria transformação, as largas costas do camelo começam a sentir a leveza daqueles tão pesados fardos; começa a dizer um sim às suas vontades que o deixavam totalmente prezo; então passa a ter garras mais resistentes, acelera seus passos, fazendo com que seu corpo fique mais resistente e mais autônomo diante das leis que estavam em sua volta. De repente sai do deserto e começa a correr atrás do que é novo e significativo para sua existência, exatamente o oposto do que poderíamos esperar de um camelo totalmente escravo e subordinados às leis. Diante do "Eu quero" eu "devo fazer" consegue se libertar de seu fardo e seguir em busca de novas atitudes, pois só assim consegue se libertar de seu fardo e seguir em busca de algo mais sólido. Nietzsche afirma:

Para conquistar sua própria liberdade, o direito sagrado de dizer não, até ante o deve, para tanto, meus irmãos, é preciso ser leão. Conquistar o direito de criar valores novos é a mais terrível empresa para um espírito resignado e respeitoso. Certamente veria em tal ato uma façanha de salteador e de animal de rapina. (NIETZSCHE, 2014, p. 32).

Portanto, o camelo espírito heroico de suportação de toda a carga existencial herdada das tradições culturais da humanidade, supera a si mesmo e torna-se leão. Busca conquistar o direito de criar novos valores.

3.2 O espírito do leão

Nietzsche apresenta a segunda transformação do espírito: "E l , nessa solidão extrema, produz-se a segunda metamorfose; o espírito torna-se leão, quer conquistar a liberdade, e ser amo em seu próprio deserto". (NIETZSCHE, 2014, p. 32). Afirma que,

Busca aqui o seu último amo; quer ser inimigo seu e de seu último deus; quer lutar pela vitória com o grande dragão. Qual é o grande dragão que o espírito não quer chamar nem Deus nem senhor? "Tu deves", chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz: "Eu quero!" o "tu deves" barra-lhe o caminho, um animal escamoso de áureo fulgor; e em cada uma de suas escamas brilha em letras douradas: "Tu deves!" (NIETZSCHE, 2014, p. 32).

O homem-leão a que Zaratustra se refere, na alegoria das metamorfoses é o homem regido pela  tica do "Eu quero", pela moral dos fortes, ou seja, o homem que dita suas próprias leis. Um homem que cultiva sempre a ideia de progresso, a ideia "eu sou", "eu posso tudo". Nietzsche assemelha o leão com ao homem superior, que quer conquistar sua própria liberdade, o homem forte, e que sabe viver as grandes aventuras e as próprias ameaças da existência ao seu redor. Em alguns momentos percebemos o camelo ofegante, com vários pesos em suas costas, coisas meramente sem sentidos e inúteis que ele adquiria e carregava por longos caminhos no deserto. Por sua vez, O leão é o homem da ousadia pessoal e da coragem. Nietzsche completa:

Valores milenários brilham nessas escamas, e assim fala o mais poderoso de todos os dragões: "Todo o valor das coisas brilha

em mim". "Todos os valores já foram criados, e todos os valores criados: sou eu. Na verdade, não deve haver daqui por diante 'eu quero'. Assim falou o dragão". [...] criar valores novos, nem mesmo o leão o pode; mas a liberdade para a criação nova, isso pode o poder do leão (NIETZSCHE, 2014, p. 32).

Segundo Nietzsche, o leão é mais poderoso do que todos os dragões, pois o valor das coisas parte dele. O leão é aquele que dita as leis e cria os novos valores. Para conquistar sua liberdade, e o direito sagrado de dizer não, até mesmo diante do dever, é preciso ser leão. O espírito do leão representa uma grande revolta contra os valores milenários e modernos, ou seja, valores que escravizam o homem em uma espécie de prisão totalmente ideológica.

Valores põs o homem nas coisas afim de conservar-se; ele foi o que pôs valores nas coisas e um sentido, um sentido humano. Por isso chama-se homem o que avalia. Avaliar é criar. Ouve criadores! Avaliar é o tesouro e a joia de todas as coisas avaliadas. (...) Os criadores de valores foram a princípio os povos, e só mais tarde os indivíduos. Na verdade, o indivíduo é a mais recente das criações. (NIETZSCHE, 2014, p. 77).

O homem, no decorrer da história, foi criando valores a partir de suas vivências culturais para se ter uma melhor relação com o mundo, criou grandes valores de dominação, tais como a moral; criou também valores que valorizam o indivíduo, mas os criadores de valores foram a princípio os povos. O leão oferece uma liberdade para a criação nova de valores. O homem, ao criar valores, também dá sentido às coisas, um sentido humano. As escamas do dragão do próprio "dever" são fortes, porém "nem mesmo o leão pode criar regras, mas a liberdade para criação nova, isso pode o poder do leão".

O leão quando cai em si, percebe que diante dos valores milenários ele não pode criar novos valores, se acalma e percebe que, para gerar novos valores, tem que voltar à sua própria inocência que havia perdido. Assim, Nietzsche afirma:

Conquistar o direito de criar valores novos é a mais terrível empresa para um espírito resignado e respeitoso. Certamente

veria em tal ato uma façanha de salteador e de animal de rapina. Como os mais santos, amou uma vez o "tu deves", e agora há de ver a ilusão e o arbitrário ainda no mais profundo do que há de mais sagrado no mundo e conquistar assim, após uma grande luta, o direito à liberdade a expensas de seu amor. É necessário um leão para tão grande violência (NIETZSCHE, 2014, p. 32-33).

Zaratustra, afirma que não é fácil conquistar o direito e até mesmo criar valores, pois é a mais terrível empresa para o espírito resignado e respeitoso. O leão consegue vencer a luta; o leão usa de sua violência do "EU POSSO" dominar o outro. O leão busca crer em si mesmo:

Espírito tem o cômico, mas pouco consciência do espírito. Crê sempre naquilo pelo qual faz crer mais energicamente-crer em si mesmo. Amanhã terá uma nova fé e depois de amanhã outra mais nova. Possui percepções rápidas como o povo, e intuições variáveis. (NIETZSCHE, 2014, p. 67).

Quando se apresenta o que se carregava, o leão de repente, se acalma e entende que, para gerar novos valores, tem que voltar à sua inocência outrora perdida. Deve pôr-se como aquele que brinca e que é capaz de criar, aquele ser sem preconceito e dúvidas em relação ao que se experimenta.

O espírito do leão começa a ficar fraco diante do ditar a sua própria moral; o mesmo percebe que sua estrutura de "Eu quero" e "Eu devo fazer" não tinha tanta força como no início; o leão precisa voltar na sua essência ou seja, adentrar no âmago de seu existir e reconhecer que para viver sua vontade de potência ele mesmo deveria voltar a ser criança.

3.3 A metamorfose da criança

Zaratustra por fim, apresenta o "super-do-homem" que dentro da metamorfose Nietzscheana é comparado a criança. Nietzsche apresenta o homem novo que deve surgir, exatamente o "super-homem", o homem que vai além do próprio homem, um homem cujo seus valores são saúde, amor e uma

certeza de liberdade pura sem aprisionamento moral ou ético, mas sim um homem livre de suas próprias vontades. Afirma:

Mas, digei-me, irmãos: que pode fazer a criança, onde o próprio leão foi incapaz? Por que o rapace? Leão deve tornar-se criança? Inocência é a criança, o esquecimento, novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação. Na verdade, meus irmãos, para brincar o brinquedo dos criadores é necessário ser uma santa afirmação: o espírito quer agora a vontade; tendo perdido o mundo, quer ganhar para si o seu mundo (NIETZSCHE, 2014, p. 33).

Segundo Nietzsche, a criança é livre, pois vive suas vontades, mesmo perdendo o mundo, ela quer ganhar para si o mundo. O novo homem que o autor nos apresenta não é propriamente um novo homem materialmente, mais sim um homem que não se aprisiona as regras da moralidade ou leis que o escravizam e impedem de superar a si mesmo.

Segundo Nietzsche, a criança é comparada com o "super-homem", ou seja, ela já atingiu a "vontade de potência", por que a criança é livre e vive de acordo com suas vontades, pois nada a prende. O camelo não conseguiu viver como o super homem por que era subordinado as leis; assim como o leão que dita as leis, ou seja, defende a moral dos fortes, estes indivíduos metamorfoses, sente que para gerar novos valores, deve fazer a experiência do eterno retorno a inocência. O camelo e o leão não atingiram a sua "vontade de potência", pois precisavam ser livres para isso. A criança totalmente livre e desprendida das leis e morais que o circunda, a criança vive sua "vontade de potência"; a criança cria, brinca e até mesmo usufrui de sua liberdade sem ser escrava, ou até mesmo opressor, não é subordinada e nem representa a moral dos fracos; como também não dita leis e nem oprime, e nem representa a moral dos fortes; a criança apenas vive sua liberdade. O maior objetivo de Nietzsche é apresentar o homem livre.

Nietzsche afirma que "a inocência é a criança e esquecimento; um novo recomeço," a liberdade da criança é para si, torna-se seu próprio juiz. A

metamorfose do espírito da criança faz da realidade um grande jogo, onde a conservação e a destruição não são seus aspectos mais importantes, isto é, o camelo e o leão não foram capazes de viver uma liberdade, a criança sim, consegue viver e superar suas próprias vontades e alcança o "super-homem".

Zaratustra ainda afirma a respeito a inocência da criança.

Na verdade não é como criadores, como procriadores, como amigos do devir, que animais a terra. Onde há a inocência? Lá onde há vontade de engendrar. E aquele que deseja criar o que ultrapassa é aos meus olhos aquele cujo querer é o mais puro. Onde há beleza? Lá onde todo o meu querer me obriga a querer; onde quero amar e perecer para que uma certa imagem não permaneça unicamente imagem. (NIETZSCHE, 2014, p. 160).

A criança sendo a terceira transformação do espírito, sabe muito bem ouvir seu corpo, sabe também criar e colocar no mundo aquilo que possui de mais especial em sua vida. A força da criança não é de carregar valores, sua força não está em destruir; a criança entra em contato com o devir puro do seu ser. A criança transmite a melhor liberdade possível, a sua capacidade torna-a aquilo que se é de mais belo.

Zaratustra diz que o homem precisa vencer a si mesmo, isto é, superar seus próprios limites pessoais, para assim obter a plena capacidade de si conquistar. O homem passou pelo camelo, leão e por fim, a criança; quando somos camelos, todos os valores que são carregados tornam-se nocivos ao espírito. Quando nos tornamos leões, uma luz se abre e nos mostra o caminho para ultrapassar a tentativa de dominação do nosso espírito. Quando passamos a ser criança, podemos destruir e construir, fazer e refazer a nossa própria condição humana. Então, partindo dessas analogias feitas por Nietzsche, vemos que o verdadeiro cargo do homem é ser livre. O homem contemporâneo vivendo sua "vontade de potência" atingirá o "super-homem".

4 A VONTADE DE POTÊNCIA NO HOMEM CONTEMPORÂNEO

A partir das três metamorfoses e a "vontade de potência" no homem, surge a indagação: é possível a vivência da "vontade de potência" apresentada por Nietzsche pelo homem no mundo contemporâneo?

A abordagem de Nietzsche diz respeito com a contemporaneidade que pensa o humano não simplesmente a partir da vontade interior que se estende para fora de si o querer, como afirma Heidegger (2007). Para Nietzsche, potência é vontade: uma vontade criadora e destruidora, pois vai além de si. Isto é a "vontade de potência". Nietzsche (2008).

A representação do camelo ruminante e decadente não manifesta a "vontade de potência", pois o camelo está carregado de vivências e sem anseios de mudanças. O espírito do homem-camelo permanece submisso na sociedade. Um ser cansado e solitário num caminho desértico. A existência do camelo possibilita a transformação do leão. O impulso e a coragem são expressos no querer pessoal em confronto com o dever coletivo. Essas características são fundamentais para o novo espírito, o viver a sua "vontade de potência", deixando de ser camelo, isto é, ser livre para apropriar de si mesmo.

A ferocidade do leão rasga o existente e com o ímpeto rompe com os vínculos, mas não tem o poder da criação e se limita aos conhecidos desertos cotidianos. O homem-leão deve se libertar do egoísmo. O leão após se libertar e apropriar da vida, torna-se uma criança e, com a inocência e o esquecimento assume o jogo da recriação. Portanto é necessário viver com o espírito livre que é uma roda que gira sobre si, um movimento, uma verdadeira afirmação.

A grande maioria dos homens suporta a vida sem muito resmungar, e acredita no valor da existência, mais precisamente porque cada um quer e afirma somente a si mesmo, e não sai de si mesmo como aquelas exceções: tudo extrapessoal, para eles, ou não é, no máximo, como uma frágil sobra. (NIETZSCHE, 2005, p.38).

Para o homem contemporâneo comum, cotidiano, o valor da vida baseia-se apenas no fato de ele se tomar por mais importante que o mundo. O homem precisa viver a inocência da criança, para assim viver a possibilidade da recriação. O homem contemporâneo deve viver sua própria vontade, deve superar a si mesmo, as estruturas, mover-se para a liberdade, para a independência, para a simplicidade e para a autenticidade que dão razão e sentido a uma vida de "vontade e potência".

Em Nietzsche, o pensar do não sentido da vida, que doutrinadamente foi aplicado por uma conjuntura sócio-cultural-cristã, faz-se necessário assumir a vida como "vontade de potência" possibilitadora da alegria mesmo em face das desventuras. O "super-homem" não é o ideal a ser alcançado pelo vir a ser de uma potência enxertada na essência de homem, como se presumia que fosse na ontologia. Este é consequência do exercício da "vontade de potência" no mundo da vida que possibilita ao homem interpretar e reinterpretar a sua existência de modo não medíocre, entendendo aqui mediocridade e ressentimento como próprio do camelo e do leão.

O "super-homem" é "vontade de potência" ativa de modo que, percebe o que há de ruim no que se apresenta como bom e o que há de bom na dureza da vida que se apresenta superficialmente como mal. Então, coisa é o "super-homem"? Alguém que é capaz de viver a vida sem reservas e rir até mesmo das situações dramáticas mostrando com a sua própria existência que a vida é um drama cômico, mais que um drama grego.

Há uma possibilidade de que alguém possa ser "super-homem" devido a "vontade de potência" que é da natureza do homem, porém é mínimo o número que possivelmente despertaram para ser "super-homem", porque o "super-homem" não é figura pública, e sim solitário, pois segundo Zarathustra: "quando pela primeira vez estive com os homens, cometi a loucura do solitário, a grande loucura: fui para a praça pública". (NIETZSCHE, 2014, p. 359).

Nem todo homem superior é "super-homem", pois assim como Hitler, Mussolini e outros representantes de governos totalitários, não podem ser subentendidos como "super-homens" por terem o poder e serem como homens superiores. O "super-homem" este sim, de fato é um homem superior e que tem

cabedal para dirigir-se inclusive aos homens ditos superiores. Aconselha Zaratustra:

Homens superiores, aprendei isto de mim: na praça pública ninguém acredita no homem superior. E se teimais em falar lá, a população retruca: 'todos somos iguais'. 'Homens superiores' - assim retruca a população: - não há homens superiores: todos somos iguais: um homem é um homem, perante Deus-todos somos iguais. (NIETZSCHE, 2014, p. 359)

O desejo das massas é que todos sejam iguais, porém quando alguém se destaca, a mesma, afirma que o homem quer aparecer, pois diante de Deus todos são iguais ninguém é melhor do que ninguém; Zaratustra deixa isso claro, tem homens melhores, pois são aqueles que são não mais camelo e nem leão; mas para a massa é inadmissível.

Para persuadir o homem contemporâneo, diferente dos mais preocupados que perguntam hoje como fazer para conservar o homem, Zaratustra pergunta - e é o primeiro a fazê-lo: - 'como fazer para que o homem seja superado'? (Cf. NIETZSCHE, 2014, p.360). A inquietação outrora e ainda na contemporaneidade parece ser aquela que salva o homem das amarras de um arcaico humanismo essencialista. A interpelação de Zaratustra não é outra que quer saber "como fazer para que o homem seja superado?" (2014.p.360).

No mundo contemporâneo, o "super-homem" é solitário, ele tende a ser solitário, mas quando ele passa ser solitário começa a excluir do seu solipsismo o outro, a mudança, a transformação. Na "vontade de potência" no mundo contemporâneo, o homem deve subir a montanha com seus próprios pés, em solidariedade com o outro, com engajamento transformador de si, das estruturas e da sociedade. A "vontade de potência" no mundo contemporâneo permite ao outro ser autêntico, não lhe induz, não lhe substitui, não lhe subverte. Nietzsche afirma:

Homens superiores, homens que criais! Não trazemos em nós senão o próprio filho. Não vos deixeis induzir em erro! Quem é,

pois, o vosso próximo? e também fazeis as coisas 'pelo próximo'! não criais, contudo, nada por ele. Esquecei esse 'por', vós criais: a vossa virtude quer justamente que nada façais 'por', nem 'devido a', nem 'porque'. Precisais fechar os ouvidos a essas palavras falsas. (NIETZSCHE, 2014, p.364).

Achar-se superior é próprio de quem ainda não atingiu o "super-homem", pois é preciso negar o erro de pensar que pode dominar o outro, isto é, ter posse sobre o homem devido ao poder ou função que exerce na sociedade. O homem contemporâneo não pode se deixar contagiar por coisas passageiras, ele deve "fechar os ouvidos a essas palavras" (2014. P.364). Zaratustra afirma: "A vossa obra, a vossa vontade, eis que é para vós o 'próximo': não vos deixeis induzir a falsos valores!" (NIETZSCHE, 2014, p.364). O homem deve viver seus valores e não se contaminar com valores errôneos. Afirma Nietzsche,

Não quereis ser virtuosos além de vossas forças. E não exijais de vós o que ultrapassa o verossimilhante. Seguir as pegadas que deixou as virtudes de vossos pais. Como querieis subir muito, se a virtude de vossos pais não subir convosco? Mas aquele que quiser ser o primeiro, cuide-se bem de não ser o último. E não coloqueis a santidade onde estejam os vícios de vossos pais. (NIETZSCHE, 2014, p.365).

O homem contemporâneo, para ser "super-homem" não pode ser virtuoso além de suas forças, ele deve superar as coisas da planície e assim subir com suas virtudes à montanha. É necessário superar os vícios da sociedade, visto que, não se deve colocar a santidade onde estejam os vícios de vossos antepassados. É necessário passar pelo processo de ser castrado para assim não se limitar aos vícios. Nietzsche (2014, p.368) afirma: "todas as coisas boas alcançam o seu fim por caminhos tortuosos", é necessário passar pela dor da metamorfose, para assim surgir a nova vida. Zaratustra aconselha:

Embora haja na terra atoleiros e denso nevoeiro, aquele que tem os pés leves corre e dança por cima da lama como sobre gelo

liso. Elevai: elevai cada vez mais os vossos corações, meus irmãos! E não vos esqueças das pernas também. Erguei também as pernas, bons bailarinos, e mais ainda, dançai sobre a vossa cabeça"! (NIETZSCHE, 2014, p.368).

O homem contemporâneo mesmo com os "atoleiros" da vida, tem que ter os pés leves para correr e dançar por cima da lama que é o empecilho do tornar-se um homem totalmente desprovido das crueldades do próprio sistema da sociedade, isto é, um sistema opressor e ditador. O homem deve erguer as pernas diante dos desafios; o homem deve dançar como bons bailarinos. O homem contemporâneo deve buscar esperanças novas para a sociedade; o homem deve sentir em seu peito a "vontade de potência"; assim o coração dilata-se para viver a metamorfose da criança, isto é, o super-homem. Nietzsche ainda afirma diante o despertar:

Novas esperanças estão em suas pernas e em seus braços; neles o coração dilata-se. Encontram novas palavras; e em breve seu espírito respirará a audácia. [...]

Foge o tédio desses homens superiores, tanto melhor; eis a minha vitória. Sentem-se seguros no seu reino; perdem a falsa vergonha, expandem-se livremente. Expandem os corações: para eles retornam os bons momentos; divertem-se e ruminam: tornam-se agradecidos. (NIETZSCHE, 2014, p. 384)

Segundo o Nietzsche, o homem precisa-se voltar para o seu interior e a partir de uma vivência interior, se entrega a sua "vontade de potência". O "super-homem" é o relâmpago que brota da sombria nuvem homem. O "super-homem" é criado a partir da vida humana, do homem. Sendo que toda a ideia do "super-homem" é tirada do próprio ser humano. O homem contemporâneo vivendo sua "vontade de potência" é o homem que sente, que cria, que avalia o próprio mundo, porque não existe mais um deus que faz tudo para o homem. Sobre tudo, que o homem deve governar e dirigir sua própria vida.

CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa sobre a Concepção Antropológica a partir da *Obra Assim Falava Zaratustra*, procurei apresentar a possibilidade do homem viver sua “vontade de potência” dentro das três metamorfoses: Camelo, Leão e Criança. Segundo Nietzsche, o homem deve viver a metamorfose para assim atingir a “vontade de potência”, para Nietzsche tudo deve se submeter e se curvar diante da própria vontade, pois o querer se libertar e agir de acordo com vontade cabe se entregar a única verdade que é a vida. A “vontade de potência” é um comando que ultrapassa a si mesmo; a vontade é um assenhoreamento sobre algo. A vontade de potência é sempre criadora, destruidora e recriadora.

Nietzsche parte da compreensão de vontade em Schopenhauer, sobretudo de sua obra *O Mundo como Vontade e Representação*. Schopenhauer afirma que a vontade é livre e autônoma, pois já contém vida em si mesma. Nietzsche vai ampliar o conceito schopenhaueriano, opondo-lhe a “potência” pois, vontade é o controle que ultrapassa a si mesmo. Nietzsche afirma, “a vontade de encontrar a verdade, tal é o nome que dais, à força que vos move e vos impele.” (NIETZSCHE, 2014, p.147). A força que move a vontade é o próprio querer, é aceitar a força interior que leva a liberdade, ou seja, a sua “vontade potência”.

Nietzsche afirma que a vontade é verdadeira potência de ser e querer. O camelo foi infiel, pois se tornou escravo dos valores humanos. O leão busca a “vontade de potência”, porém, é corrompido pelo ditar e dominar o outro, pois “vontade de potência” é aceitar a força interior que te leva a liberdade de qualquer coisa que impede de viver seus valores. A criança foi fiel à “vontade de potência”, isto é, viveu a própria vida, ou seja, sua liberdade de querer e conquistar seus ideais, fundamental do ser humano autêntico e autônomo.

Para Nietzsche, o conhecimento é o cerne do ser humano. O conhecimento pertence ao ser humano. A partir do conhecimento o ser humano passa a se desenvolver como também determina a sua visão de mundo e de ser humano. É com o próprio conhecimento que o ser humano constrói e planeja a sua vida, a sua existência nesse mundo. Nietzsche afirma que “vontade de

potência" também é uma vontade de natureza, logo, a vontade de natureza é uma força que se relaciona com a outra, seja para controlar ou obedecer. Nietzsche faz uma crítica à moral tradicional justamente pela depreciação da vida, a subordinação da vida a um valor transcendente ao invés de um valor no plano imanente. O "super-homem" é a realização de sua "vontade de potência".

O "super-homem" é "vontade de potência" ativa de modo que, percebe o que há de ruim no que se apresenta como bom e o que há de bom na dureza da vida que se apresenta superficialmente como mal. O homem contemporâneo é capaz de viver a vida sem reservas e rir até mesmo das grandes situações dramáticas. O homem contemporâneo deve superar os vícios da sociedade, visto que, não se deve colocar a santidade onde estejam os vícios de vossos antepassados. É necessário passar pelo processo de ser castrado para assim não se limitar aos vícios. Superando os vícios o homem chega a sua "vontade de potência", isto é ao "super-homem".

A "vontade de potência" no homem contemporâneo torna o homem livre de qualquer opressão da sociedade, pois o homem no estado de "vontade de potência" já atingiu o "super-homem", assim termino esse trabalho sobre a Concepção Antropológica a partir da *Obra Assim Falava Zaratustra*.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zaratustra**. Trad: Mario Ferreira dos Santos. 3. ed. vozes. Petropolis,RJ. 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Trad: Mario Ferreira dos Santos. Ed. Vozes. Petropolis,RJ. 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. ed. companhia das letras. São Paulo,SP. 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Companhia das letras. São Paulo,SP.2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. ed. companhia das letras. São Paulo,SP. 2008.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. ed.Brasiliense. São Paulo.1990.

MOURA, Carlos A. R. **Nietzsche: civilização e cultura**. Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. Vol.1.ed.Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2007.

CHOPNHAUER, Artur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo, UNESP, 2005.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Trad.de J.Guinsburg e Bento Prado Júnior. 4° ed. Nova Cultura. São Paulo, 1987.